O LUGAR DA TRAVESTI É ONDE ELA QUISER: A REALIDADE DAS TRAVESTIS NO AMBIENTE ACADÊMICO NORTE-RIO-GRANDENSE

PAIVA, Pedro Henrique Azevedo da Silva [[1]](#footnote-1)

PEREIRA, Elcimar Dantas [[2]](#footnote-2)

Resumo: As pessoas resistem em compreender que há travestis universitárias, e que o ensino superior é um lugar que estas, por direito, podem e devem estar presentes. As trajetórias de vida das travestis, de maneira geral, são marcadas por espaços de exclusão, assujeitamento e violência, fruto de uma realidade sociocultural transfóbica, cisgênera e machista. Durante muito tempo existiu uma enorme barreira que impossibilitava o ingresso das travestis no ambiente acadêmico. Atualmente ainda existe, mas esta não é mais impermeável. A pesquisa em tela, que está em andamento, almeja compreender como se dá a vivência acadêmica das travestis na realidade do ensino superior do Rio Grande do Norte. Em uma perspectiva etnográfica, realizamos conversas semiestruturadas com duas travestis universitárias, que relataram um pouco de suas trajetórias enquanto alunas do ensino superior público. É notório o crescimento do número das travestis cursando uma graduação no estado, ocupar este espaço é sobretudo resistir e impor-se a uma sociedade opressora que as colocam à margem e renega direitos fundamentais, como o da educação.

**Palavras-chave:**travesti; ensino superior; resistência.

**Futuras geógrafas: tá pensando que travesti é bagunça?**

O resultado do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) para o primeiro semestre do ano de 2015 seria mais um corriqueiro dentre muitos, a não ser pelo fato de uma travesti[[3]](#footnote-3) conseguir aprovação no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O caso teve bastante repercussão nas redes sociais, enfatizando as questões pré e pós ingresso de uma travesti na universidade. Neste mesmo início de ano a Prof.ª Dr.ª Luma Andrade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), que é a primeira travesti doutora do Brasil, esteve em manchete ao ser cotada como possível reitora da universidade. A grande maioria das reportagens trazem um forte teor de espanto em suas matérias, tratam como exótico o fato de travestis estarem ocupando um lugar como a universidade. Concepção esta que precisa ser descontruída e tratada com naturalidade.

As etnografias dos antropólogos Benedetti (2005) e Kulick (2008) apresentam descrita e minuciosamente a interpretação de uma realidade travesti fortemente relacionada à prostituição, sabemos que este contexto existiu e ainda existe. No entanto, na contemporaneidade outras trajetórias de vidas foram possíveis, e algumas travestis trilharam caminhos não só relacionados à profissão do sexo, muitas destas entraram em espaços que nunca imaginaram estar, como o ensino superior. Obviamente que não queremos generalizar e dizer que qualquer travesti que queira ser universitária, será. Temos consciência que existem diversos fatores, em situações específicas, que influenciam esse processo.

As travestis ainda carregam um estigma social (Goffman, 1998), destarte suas vidas são marcadas por bastante exclusão, desde a família, que são poucas as que acolhem, até a escola, que geralmente não as protegem da violência simbólica e até física sofrida no ambiente escolar. Sobre a situação das travestias na escola Luma Andrade (2012) relata que

a maioria dos discursos [da escola] coloca as travestis à margem, como seres anormais, destituídas de direitos. Quando não se enquadram no universo masculino ou feminino com seus comportamentos disciplinados, são ocultadas, negadas e/ou violentadas na sociedade e na escola. A negação das travestis no espaço da sala de aula resulta no confinamento e na exclusão, que as transforma em desviantes e indesejadas. Quando isso ocorre no ambiente escolar, a pressão normalmente é tão intensa que impele as travestis a abandonar os estudos, sendo disseminada a ideia de que foi sua própria escolha. Esta justificativa tenta mascarar o fracasso da escola em lidar com as diferenças, camuflando o processo de evasão involuntária induzido pela escola. (p. 247)

Entendida que esta situação é recorrente, Kelly[[4]](#footnote-4), uma das interlocutoras, pontua articuladamente que *“antes de falarmos da universidade, precisamos garantir a permanência nos ensinos fundamentais e médios. Que as escolas possam acolher e respeitar as travestis e suas especificidades”.* Diante da fala de Kelly e das explanações de Luma Andrade, notamos que há inúmeras dificuldades vivenciadas pelas travestis na escola, algo que culmina não na evasão, mas sim na exclusão escolar, segundo Bento (2011) *“há um desejo de eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não de evasão” (p. 555)*. Assim sendo, resistir e assujeitar-se não é algo simples e fácil. Como diria a travesti em um vídeo viral da internet: *“é pra poucas a cara no sol”.*

As duas interlocutoras da pesquisa são Kelly e Monique. Kelly é graduanda do segundo período de licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), e Monique é acadêmica do quarto período também de licenciatura em Geografia, só que pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).Em um levantamento realizado junto com elas, no estado potiguar atualmente existem em média oito travestis universitárias, quatro são estudantes da UERN, uma é aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e as outras três são discentes de graduações do IFRN, lembrando que este número não é exato, seria preciso uma pesquisa mais aprofundada para ter a quantidade e informações exatas.

Conversando sobre o início da vida acadêmica e as possíveis dificuldades, Monique diz que “*existe sim um degrau muito grande. Só que desde então eu nunca me olhei com um olhar diferente. Me senti como se eu fosse uma menina, me senti como se eu fosse uma estudante, uma pessoa que passou pelo mesmo motivo que os outros passaram”,* já Kelly relata que *“as dificuldade não é por ser travesti. Sim por não respeitarem os direitos deste segmento*(...) *[as pessoas] não acreditam que eu faço curso superior e sempre noto a surpresa no semblante de todos quando falo”.* Nesta lógica, as dificuldades eram pressentidas, mas não temidas. De nenhuma forma elas se abalariam e se sentiriam excluídas.

Ao pensar as relações sociais estabelecidas com as/os demais estudantes, foi perceptível o quão amistoso e cordial foi a construção dos laços com os/as colegas da sala e da instituição como um todo. Nos relatos a justificativa para essa amabilidade, é simplesmente pelo fato de ninguém as tratarem como “A travesti”, e sim como uma aluna como qualquer outra, que está ali por mérito. O não exotismo contribuiu para esta complacência.

Já no tocante a relação com os/as professores/as, desde já é bom pontuar que no contexto acadêmico independente de qualquer coisa, sempre há conflitos entre discentes e docentes. E no caso delas não foi diferente, só que as situações que elas vivenciaram tinha uma ligação direta ou indireta com a travestilidade e/ou identidade de gênero. Mas por adotarem uma postura conciliadora o choque não teve grande magnitude. Mas as situações logicamente deixaram cicatrizes.

Na UERN - Campus Central teve um acontecimento de repercussão em torno as discussões do banheiro, onde uma aluna travesti foi constrangida ao usar o banheiro feminino. Mas nas realidades acadêmicas das interlocutoras, conforme afirmam, não houve nenhuma situação de desrespeito. Outra questão bastante delicada é sobre o nome social. Atualmente ao se inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pessoas trans podem solicitar a mudança do nome civil pelo social. Isso facilita muito ao efetuar a matrícula, onde o nome social já vem atrelado às informações do ENEM. Ambas as meninas passaram por uma única situação desagradável de caráter burocrático no que diz respeito ao nome social. Nas duas ocasiões tiveram fortes embates, a instituição personificada nos técnicos e direções insistia em defender argumentos transfóbicos. Isso gerou um certo transtorno e chateação nas garotas.

A transfobia e o machismo está presente em todas as instâncias da sociedade, e a universidade não está externa a isso. Por mais que gozem de um aparente conforto nas instituições que são alunas, percebemos que Monique e Kelly são conscientes que há discriminação nas academias, na ordem, relatam: *“você sabe que nunca vai ser a mesma coisa, né? Eles nunca vão tratar você como mulher. Então independente de qualquer circunstância, vai ter sim, preconceito”; “as travestis sofrem nestas instituições e nas ruas por conta do preconceito verbal e físico”.* Monique traz outro relato importante: *“eu acho que esse é o grande medo da maioria das trans e travestis, é o medo da aceitação lá dentro. Mas só que eu não tive esse medo e não tenho.”*

Mesmo percebendo os empecilhos que existem, Kelly e Monique têm grandes expectativas acadêmicas e pretendem atuar na área. Ao compreenderem a importância do curso de nível superior para suas vidas, a primeira diz: *“antes não tinha perspectiva de nada. Agora sonho em dar aula e ser alguém que ajuda a sociedade de alguma forma”,* a outra fala: *“a graduação está me ajudando muito, muito e muito, entendeu? E para mim eu acho que vai abrir muitas portas”.* É nítido o impacto propositivo que a vivência acadêmica incide sobre elas. Sabemos que as oportunidades para as travestis em geral são reduzidas e que as trajetórias relatadas aqui são exceções, as próprias meninas estão cientes que são privilegiadas, mas acreditam que esta vivência será propagada e outras travestis terão esta mesma oportunidade.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Luma. **Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa.** Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual.** Dissertação de Mestrado do PPGAS da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita:** o corpo e o gênero das Travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n.2, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

1. Graduando Ciências Sociais na UERN; bolsista do Programa de Educação Tutorial, email: [phasp3@gmail.com](mailto:phasp3@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e Política - UERN, email:[elcimardantas@bol.com.br](mailto:elcimardantas@bol.com.br)

   \*\* Trabalho apresentado no Eixo Temático: GD IV – Identidades de Gênero e Diversidade Sexual [↑](#footnote-ref-2)
3. Mesmo percebendo os marcadores sociais da diferença nos termos transexuais e travestis, acreditamos na fluidez destes (BARBOSA, 2010), e como forma de resistência social e afirmação política, utilizaremos em todo o texto a palavra travesti. [↑](#footnote-ref-3)
4. O nomes utilizados aqui são fictícios, tendo em vista a preservação da identidade das meninas. [↑](#footnote-ref-4)